

PECUÁRIA DE CARBONO NEUTRO



COMPENSAÇÃO
Árvores sequestram carbono equivalente às emissões de um boi

Toda criança conhece a fábula em que o sapo se oferece para levar o escorpião nas costas para atravessar um rio, só para ser picado pelo "passageiro" no meio do trajeto. Os dois morrem afogados. As últimas palavras do peçonhento - e a moral da história - são: "Não se pode mudar a natureza". Um dos grandes dilemas dos ambientalistas que gostam de carne é que o boi emite muito metano, um gás que contribui muito para o efeito estufa. É da natureza deles. No Brasil, cerca de um terço das emissões de GEE são atribuí-

das à pecuária. Do 1,8 bilhão de toneladas de gases emitidas em 2021 pelo sistema de produção de alimentos, 77,6% vem da produção de carne. Dessas, 70,6% da mudança no uso da terra -- ou seja, desmatamento. Outros 29,2% vem da produção em si. Se fosse um país, a carne bovina brasileira seria o sétimo maior emissor de gases do mundo, à frente do Japão. Seria a única saída o vegetarianismo? Não se os pesquisadores e produtores rurais brasileiros puderem evitar.

O processo digestivo de animais como vacas, ovelhas, búfa-

los e girafas é adaptado para metabolizar pasto e qualquer outro produto de origem vegetal. O estômago dessas espécies tem um compartimento chamado rúmen que é o principal responsável pela fermentação de alimentos vegetais. Conhecido como fermentação entérica, esse processo libera grandes quantidades de gases, incluindo o metano, (CH₄).

Como esse processo é inevitável, os pesquisadores atacam o problema das emissões em duas frentes. A primeira é trabalhar o pasto. A substituição total ou parcial de gramíneas por leguminosas forrageiras como alfafa, amendoim ou ervilha permite uma maior fixação de carbono e nitrogênio no solo (ou seja, retira GEE da atmosfera), compensando parte importante das liberações dos animais. O chamado sistema de integração pasto-floresta, que mantém as árvores em pé, melhora ainda mais a captura desses elementos no solo, além de promover a economia de fertilizantes e favorecer o trânsito de abelhas nativas e polinizadores.

De acordo com estudos da Embrapa, um pasto bem manejado pode compensar as emissões de GEE de duas unidades animais (medida equivalente a um boi de 450kgs) por hectare. Já os sistemas com presença de árvores – cerca de 30 plantas por cabeça de gado de corte, ou 50 para vacas leiteiras – podem compensar a emissão de até oito unidades animais por hectare. “Já temos o co-

nhecimento para fazer esse sistema em todos os biomas e climas brasileiros”, garante Alexandre Berndt, chefe-geral da Embrapa Pecuária Sudeste.

Ao mesmo tempo, a técnica aumenta a oferta de proteína da pastagem, permitindo maior ganho de peso diário do rebanho. E quanto menos tempo leva para o boi ou a vaca atingirem o peso de abate, menos arroto de metano no ar. Há 10 anos o ciclo de vida médio de uma cabeça de gado de corte no Brasil era de 4 anos, ou 48 meses. Hoje, esse período caiu para entre 30 e 36 meses. É uma queda impressionante de 25%.

O mesmo vale para o gado leiteiro e as vacas reprodutoras. Na cria, já é possível que uma fêmea gere um novo bezerro por ano, sendo 9 meses de gestação e 3 meses de seca o corpo se recupera. No Brasil, hoje este intervalo está mais próximo de 15 meses entre as crias. “As técnicas já existem, o mais difícil hoje é a adoção dessa tecnologia pelos produtores rurais Brasil a fora”, explica Berndt. “Não temos números precisos da penetração desses métodos, mas o convencimento está acontecendo, e as ilhas de excelência servem para que outros sigam o exemplo”.

O que o sapo da fábula não entendeu a tempo de salvar sua vida é que, se não é possível mudar a natureza, torna-se fundamental aprender a lidar com ela de maneira produtiva. Talvez com a ajuda de um departamento de pesquisa e desenvolvimento. ■